

RICARDO TORRI DE ARAÚJO



Experiência mística e psicanálise



Edições Loyola

Experiência mística
e psicanálise

RICARDO TORRI DE ARAÚJO

Experiência mística e psicanálise



Edições Loyola

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

| |
|--|
| Araújo, Ricardo Torri de Experiência mística e psicanálise / Ricardo Torri de Araújo. -- São Paulo : Edições Loyola, 2015. Bibliografia. ISBN 978-85-15-04277-7 1. Experiência religiosa 2. Freud, Sigmund, 1856-1939 - Psicologia 3. Mística 4. Psicanálise e religião I. Título. 15-03147 CDD-150.195 |
|--|

Índices para catálogo sistemático:

1. Experiência mística e psicanálise :
 Psicologia analítica 150.195

Preparação: Mônica Aparecida Guedes

Capa: Viviane B. Jeronimo

Gian Lorenzo Bernini (1598-1680). Detalhe da obra *Blessed Ludovica Albertoni* (1671-1674). Escultura. Igreja de San Francesco a Ripa, Roma, Itália. Foto de ho visto nina volare <<http://www.flickr.com/people/41099823@N00/>> <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Blessed_Ludovica_Albertoni_by_Gian_Lorenzo_Bernini.jpg>.

Diagramação: Ronaldo Hideo Inoue

Revisão: Renato da Rocha

Edições Loyola Jesuítas

Rua 1822, 341 – Ipiranga

04216-000 São Paulo, SP

T 55 11 3385 8500

F 55 11 2063 4275

editorial@loyola.com.br

vendas@loyola.com.br

www.loyola.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN 978-85-15-04277-7

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 2015



Sumário

| | | |
|-----------|---|----|
| 1 | Nem espiritualismo, nem psicologismo | 7 |
| 2 | A experiência mística | 9 |
| 3 | Freud e o sentimento oceânico | 15 |
| 4 | O caráter erótico da experiência mística | 23 |
| 5 | O caráter unitivo do impulso erótico | 29 |
| 6 | O caráter materno da união mística | 34 |
| 7 | O caráter religioso dos delírios psicóticos | 39 |
| 8 | A experiência mística como forma substitutiva de satisfação sexual | 42 |
| 9 | A experiência mística como vivência regressiva de tipo psicótico | 49 |
| 10 | Discernimento entre a mística e a psicose | 54 |
| | Referências bibliográficas | 63 |

1

Nem espiritualismo, nem psicologismo

Experiência mística e psicanálise... O assunto de que se trata, neste livro, é a experiência mística. A psicanálise, por sua vez, é a lente com que pretendemos focalizá-la, o bisturi com que temos a intenção de dissecá-la, a luz que queremos deixar cair sobre ela. Mas... tem a psicanálise algo a dizer sobre tão sublime matéria?

A experiência mística é um fenômeno humano de primeira grandeza, uma realidade da mais alta importância. Trata-se, afinal, do ápice da vivência religiosa, do ponto culminante da experiência que o ser humano faz de Deus.

Já se pretendeu, em nome da dignidade daquilo de que aqui se trata, que a mística fosse dispensada do exame crítico pela ciência, ficando esta, assim, isenta. O discurso sobre a vivência espiritual seria, pois, um domínio reservado aos teólogos; a experiência que os seres humanos fazem de Deus seria uma matéria sobre a qual a psicanálise deveria com reverência se calar.

Ora, não nos parece que a mística seja um assunto intocável, sobre o qual apenas os *experts* em teologia espiritual possam opinar. A experiência humana de Deus acontece na mente das pessoas que se dão a ela, tem lugar no aparelho psíquico dos crentes, donde a legitimidade de uma abordagem psicanalítica da mesma.

A psicanálise tem, pois, segundo o nosso juízo, o direito de se pronunciar sobre a mística. Isso não significa, porém, que ela tenha a última palavra a dizer sobre o assunto ou, menos ainda, que tenha tudo a dizer a respeito.

Noutras palavras, ao iniciar este estudo, queremos, de saída, rechaçar duas formas de reducionismo: o espiritualismo e o psicologismo. Para o espiritualismo, a psicologia — inclua-se aí a psicanálise — não tem nada a dizer sobre a experiência humana de Deus; para o psicologismo, o que a psicologia tem a dizer sobre o tema é tudo. Tanto uma coisa como outra são inadmissíveis.

Nas relações entre a psicologia e a espiritualidade, há, com efeito, duas formas de reducionismo possíveis. A primeira delas, chamada “espiritualismo”, “angelismo” ou “animismo”, consiste em não reconhecer a pertinência de uma abordagem psicológica dos fenômenos espirituais. As experiências de Deus estariam fora do alcance das ciências da mente; o psicólogo, o psiquiatra ou o psicanalista nada teriam a dizer sobre o tema.

O psicologismo, por sua vez, é o contrário do espiritualismo. O espiritualismo é um reducionismo a partir de cima; o psicologismo, de baixo. Conquistada sua cidadania no campo da elucidação das vivências religiosas, a psicologia ou a psicanálise podem sentir que o que elas têm a dizer sobre a matéria é tudo o que há para ser dito. A sua perspectiva abarca tudo; o seu ângulo de visão esgota o assunto. A isso, dá-se o nome de “psicologismo”.

Nem espiritualismo, nem psicologismo; recusamos, aqui, tanto uma coisa como outra. Cremos que o que se segue é pertinente, mas revela apenas um aspecto da questão, mostra somente uma face da coisa, dá a conhecer unicamente um lado do problema. Que o leitor, ao debulhar estas páginas, tenha presente a ponderação com que as iniciamos.

Que tal continuar a leitura?

Adquira já o seu exemplar!



Comprar

Clique no ícone azul 